

Administrar o último suspiro, eis o projeto desta escrita. Uma escrita alucinada de tinta coagulada correndo o papel como o sangue que nos traz vivos, caminhando cega entre o irremediável que a catástrofe íntima trouxe, o rosto da morta nos olhos e a saudade, vontade constante do impossível regresso da amada que se torna canto interior, escrita de dentro.

Uma escrita que se administra, autoencenando-se no espaço da casa, agora mastaba, lugar único, habitado por ela em todos os objetos, o seu corpo inscrito nas memórias sensoriais, arquitetura íntima, de um que eram, como diz Ernesto, que escreve ter perdido a raiz enquanto eu.

Nunca um amor foi tão solitário e tão solidário, fundida complementaridade de feitos tão quase opostos - a Fernanda uma vitalizada Fan ChinTing a revelá-la lutadora como era, a reivindicar o seu homem soldado frente à muralha do Imperador, em plena guerra colonial, o Ernesto, como diz de si, sonâmbulo seguindo ensimesmado os seus temas recorrentes. Eram entretanto uma maravilhada comunidade de afetos, letras, artes e pressentimentos, uma vida tecida na volta dada ao mundo e a si mesmos.

Ninguém escreve sobre uma morte que é amputação de si mesmo como projecto, o livro acontece como uma necessidade interior, ética íntima, exorcismo movido pela estranha forma de energia lançada pela catástrofe, pensamento incessante do outro alojado no que é activa imobilidade na dor, lágrimas, luto, silêncio, gritos, insónia sem rumo, sem dia, sem noite, noite os dias agora.

A catástrofe, mesmo anunciada - quem não sabe da morte quando vive com ela perto - é sempre imprevisível e, quando o amor era a causa vital, mais insuportável é por quem a sofre. Administrar o último suspiro é uma estratégia consciente no meio da cegueira, um ponto de luz imóvel intermitente. Só ela me conduz na sua ausência. A minha bússola são os seus gestos e o seu corpo a sua presença pressentida e vivificável, imagens, voz, respiração, estendo os braços e ela não está.

Este livro impossível é uma despedida, um conjunto de actos de escrita que são um último gesto. Não é um livro, suas partes, sentido metódico, é uma despedida. **Essa mulher tão distante que arde sob a neve – e flutua sobre as luzes da cidade – se eu me calar, quem lhe dirá para brilhar ainda?**

Nunca me confrontara assim com a morte. Nunca imaginei possível um suicídio no tempo de um exercício da escrita que se esgota no tempo da escrita. O poeta e pintor Mário Cesariny escreveu que era o único caso que conhecia de morte por amor.

Ernesto Sampaio despediu-se da Fernanda tanto pela sublimação da ausência mitificando o corpo e o ser, como pelo colóquio com a amada desaparecida. Estamos perante um diálogo de mortos. Ernesto procede ao seu luto impossível e escreve o seu suicídio com ela dentro. Não suporta viver sem ela, não consegue. O que fala com ela mantém-na viva para ele e perante a natureza e mantém-no vivo porque a ela ligado por palavras mágicas. E o solilóquio coloquiado é por ela criticado no pensamento monologado íntimo de Ernesto, imaginando ele que ela lhe dissesse: acorda desse mutismo de autopiedade e complacente.

Ernesto Sampaio não quer ceder perante a inflação do verbo que o move e paralisa ao mesmo tempo, a escrita é um desafio ético e uma qualificação dos gestos, um nível de realidade, ou de sonho, em que podemos falar com os mortos, é uma língua, talvez a única, possível entre presente e ausente. O verbo não será consolo, terapia, o verso é a única possibilidade de continuar a existir e é um modo de dizer o ser do outro, as suas qualidades únicas, o seu brasão, o rosto. Ernesto avisa-se quanto a qualquer tipo de atentado ético à integridade da sua memória e di-la apelando nele o sopro vital contra o ensimesmamento definitivo. Nesta descida ao seu inferno, o amante sabe que não tem outra forma de a tornar presente que não seja através da poesia, da convocação pela alquimia do verbo.

Este é um espetáculo impossível: não é possível tornar cénico o íntimo quando este não se articula com o político, com a história. Ernesto tem uma cosmovisão naturalista do ser e há nestes textos, versos e prosa poética, pensamentos, visões, imagens fulgurantes, frases cometas, surrealidades e falas quase quotidianas, conversas autenticamente póstumas, que emergem, ou regressam de outros tempos, num desejo real de fusão com a terra, em convívio com as sementes, numa entrega ao que as folhas caídas anunciam e para onde vamos ao encontro do outro, sem deus nem lei.

Ernesto Sampaio constrói nesta tentativa de actos de escrita, de desistências insistentes e de assomos de vitalidade verbal, um caminho em direcção à Fernanda e esboça-lhe o retrato chegado - o ser.

No gesto da escrita de Ernesto, a Fernanda, não só emerge com a dimensão que Ernesto lhe constrói mas, mais que isso, como a extraordinária mulher que foi uma das melhores atrizes do Portugal de Abril. A sua entrevista no livro publicado pela Fenda, Fernanda, é das mais lúcidas intervenções que conhecemos sobre a função do teatro, a ética do actor e os desígnios da arte. E como na vida, no fim, o Anjo das Barcas que interpretava, alude ao caminho obrigatório separando, com precisão, o trigo do joio. Eles eram, como unidade, ambos um, do mais puro trigo doirado.